



## **Análise da percepção agroecológica dos agricultore(a)s familiares do assentamento “São Francisco” no município de Canutama-Am**

ARAÚJO, João<sup>1</sup>; ANDRADE, Aldair<sup>2</sup>; ARAÚJO, Sheila<sup>3</sup>, PINTO, Francisco Brito<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, joao.araujo@ifam.edu.br;

<sup>2</sup> Universidade Federal do Amazonas, aldairufam@gmail.com; <sup>3</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, sheila.araujo@ifam.edu.br, <sup>4</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, francisco.brito@ifam.edu.br

### **Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico e Dinâmicas Comunitárias**

**Resumo:** Objetivo deste trabalho foi analisar a percepção dos agricultore(a)s familiares do Assentamento “São Francisco” no sul do Amazonas sobre as práticas da Agroecologia. Para isso, utilizou-se como técnica exploratória a entrevista e observação *in loco*, buscou-se nos relatos aspectos que melhor representassem a percepção sobre as práticas da Agroecologia. De acordo com os resultados obtidos é possível afirmar que os agricultore(a)s percebem várias práticas do contexto agroecológico, principalmente no que diz respeito às funções das plantas dentro do sistema produtivo, uso de plantas medicinais e troca de sementes. Portanto, a percepção agroecológica como ferramenta de estudo pode contribuir no resgate e descoberta de práticas agroecológicas e auxiliar os gestores na promoção de políticas públicas pautadas no desenvolvimento rural sustentável, uma vez que saber como os agricultores percebem as práticas da Agroecologia, pode facilitar as ações dentro das comunidades rurais.

**Palavras-chave:** Conhecimento agroecológico; Agroecologia; Comunidades rurais.

### **Introdução**

No âmbito científico, é comum querermos provar geralmente a verdade por meio de cálculos matemáticos, programas computacionais altamente sofisticados, inteligência e razão do que temos das coisas (SILVA, 2017). No entanto, tudo aquilo que conhecemos do mundo, “mesmo por ciência”, conhecemos “a partir de uma visão [...] ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3).

Para perceber, as pessoas devem ter uma atuação no mundo, a partir das quais vão construindo suas subjetividades, pois saber como “as pessoas percebem, vivenciam e valorizam o ambiente em que se acham inseridos ou que almejam é uma informação crucial” para que os gestores de políticas públicas e de áreas afins possam planejar e atender as demandas sociais (KUHLEN 2011, p. 253). Neste sentido, vale destacar alguns trabalhos que utilizaram a percepção como ferramenta de estudo.

Na obra intitulada “A Agroecologia na percepção de alunos de ensino médio de quatro escolas públicas na cidade de Macapá-Amapá”, Sá-Oliveira *et al.*, (2015, p.98) destacou que 73,36% dos alunos entrevistados desconhecem o tema agroecologia, para o autor, essa situação é interessante, pois muitos dos entrevistados praticavam os fundamentos básicos da Agroecologia.



Além do estudo acima outros foram realizados a partir das nomenclaturas Percepção e Agroecologia. No entanto, nenhum conceito maior tem orientado esses trabalhos, então, tivemos a pretensão de fazê-lo. Para isso, tomamos como base a Agroecologia na perspectiva de Altieri (2004) e a Percepção na perspectiva de Merleau-Ponty (1999). Assim, temos um conceito analítico composto do casamento entre Percepção e Agroecologia que representa uma maneira de compreender o comportamento humano em relação às práticas agroecológicas. Logo, percepção agroecológica é como os sujeitos percebem as práticas da Agroecologia.

O presente trabalho é parte da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Federal do Amazonas - Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente, *campus* Vale do Rio Madeira Humaitá - AM.

## **Metodologia**

A pesquisa foi realizada no Projeto de Assentamento “São Francisco”, localizado no município de Canutama-AM, no sul do Amazonas, que fica aproximadamente 190 km da sede do município, 158 km de Humaitá/AM e, 56 km de Porto Velho/RO.

Para pesquisa de campo, utilizou-se como técnica exploratória através de entrevista. O roteiro da entrevista teve como norte um formulário constituído de 42 perguntas, sendo 18 perguntas fechadas e 25 abertas. As entrevistas foram gravadas após autorização dos agricultore(a)s, tendo como documento o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) devidamente assinado.

Como técnica de amostragem utilizou-se a não probabilística – Amostra acidental e por saturação. Realizamos 28 entrevistas em três vicinais diferentes, onde 36% são do gênero feminino e 64% do gênero masculino. Os entrevistado(a)s tinham idade entre 29 e 68 anos, sendo a maioria migrantes do estado de Rondônia (cerca de 36%).

Para a análise do conteúdo, foram feitas as transcrições na íntegra dos relatos dos agricultores, a partir das perguntas elaboradas no formulário, bem como, de outras informações extra captada *in loco*, sendo incluídas em categorias acerca das perguntas formuladas.

Para identificar a percepção agroecológica dos agricultores, foi feita uma leitura minuciosa das transcrições buscando uma visão do todo, a partir da leitura compreensiva, foram destacadas do texto as respostas que mais se sobressaíam, ou seja, trechos ou palavras-chave que melhor respondiam as perguntas elaboradas previamente, a partir das quais foram construídas as categorias de análise.

## **Resultados e Discussão**



Quando questionado(a)s se as árvores tinham outras funções além de produzir alimento, foi possível evidenciar que, 93% dos agricultore(a)s percebem outras funções, pois responderam que elas também são produtoras de oxigênio, sombra, absorção de água do solo, produz biomassa para cobertura morta, fornecem madeiras, conserva o solo, quebra-vento e melhoram a paisagem. Neste sentido, Melo (2016) diz que "as árvores conservam o solo mais fresco e não precisa ficar passando veneno todo o tempo, porque faz sombra e o mato não cresce. E a palha dela também é boa para adubação", como pode ser visto o agricultor percebeu que as plantas maiores exercem um controle na infestação de plantas indesejáveis, fator que culmina na redução do uso de agrotóxico, contemplando assim a dimensão economia e ambiental da Agroecologia, por último nos revela que a biomassa vegetal pode servir de adubo para outras culturas. Neste sentido, Ramos (2016) diz o seguinte, "se você olhar debaixo de uma planta, tem ali as folhas dela no chão fazendo uma cobertura morta que futuramente vai virar um adubo orgânico [...], ela tá fazendo um papel dela mesma, se mantendo. No caso, a folha dela vai [...] virar o próprio adubo orgânico". Para corroborar com os autores acima, Mollison (1991) destaca que algumas espécies de plantas quando bem selecionadas, podem ser úteis de várias formas como por exemplo: forragem animal, combustível (lenha), controle de erosão, controle do clima, alimentação e conservação do solo. As práticas agroecológicas percebidas pelos agricultores se aplicadas corretamente podem contribuir nos sistemas produtivos, garantindo maior produtividade e sustentabilidade, tendo em vista que os recursos estão disponíveis localmente.

Quando questionados sobre a origem das sementes que os agricultore(a)s usaram para implantar suas lavouras, constatou-se que 50% conseguiram sementes com parentes e vizinhos dentro da comunidade. A relação de compartilhamento de sementes entre os agricultore(a)s pode ser visto quando A. Soares (2016) relata que, "as sementes eu adquiri com os vizinhos, o Sebastião me deu as sementes [...], eu fui fazendo as mudas e quando eu ganhei o sítio já tinha as mudas". Da mesma forma, B. Silva (2016) diz o seguinte, "Eu peguei mesmo aqui da lavoura do meu irmão e, um pouco ali do meu concunhado e o guaraná eu peguei lá do compadre (Sebastião) e, é tudo daqui mesmo". O Sr. Sebastião citado pelos agricultores é uma referência em agroecologia no assentamento, o mesmo tem disseminado sementes para vários agricultore(a)s. Os relatos evidenciam uma prática agroecológica que contempla tanto a dimensão social, ambiental e econômica da Agroecologia, pois há uma relação de cooperação, independência de sementes geneticamente modificadas e autonomia econômica para os produtores(a)s, uma vez que as sementes são produzidas e compartilhadas no assentamento, principalmente as de guaraná e urucum.

No que se refere ao uso de plantas medicinais, os relatos nos revelaram que, 86% dos agricultore(a)s usam e plantam. Dentre as plantas medicinais mais utilizadas destacam-se o boldo (*Plectranthus sp.*) com 29% geralmente usado para o tratamento de infecções do sistema digestório, seguido pelo capim santo (*Cymbopogon citratus* Stapf.) com 17%. A percepção sobre essa prática agroecológica é contemplada quando os agricultores dizem: "para dor de barriga eu tenho o boldo, eu uso erva cidreira que é calmante" (MELO 2016); "aqui nós temos não só o que a gente planta,



mas, o que a gente pega na mata, como o óleo de copaíba. Nós usamos o cajuru. [...] O boldo é para dor de estômago e a andiroba para inflamação” (G.M.R, 2016); “A sacaca uso para o fígado, quando dá uma dor de barriga a gente vai lá e faz, aí também a gente usa folha de laranja ou limão para gripe. A sacaca é a que mais se usa, é amarga, as crianças gostam mais do boldo” (S.V.A, 2016). Os relatos dos agricultore(a)s nos leva a um tempo em que esses saberes marcavam um lugar de destaque no mundo, os mesmos são tradicionais, pois a pesar de não serem frutos de um núcleo duro da ciência, tem credibilidade, dado ao seu caráter verdadeiro decorrente das inúmeras percepções do homem ao longo do tempo sobre o ambiente em que vive, evidenciado o que diz Merleau-Ponty (1999, p. 3) quando destaca que “todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido”. Neste sentido, Altieri (2012), afirma que os saberes tradicionais têm contribuído com muitos estudiosos da área da Agroecologia e, que as pesquisas nesse seguimento são de extrema relevância, uma vez que muitos saberes correm o risco de serem perdidos para sempre, vítima do crescimento da agricultura convencional.

## Conclusões

Ao longo deste estudo, buscaram-se vários aspectos que melhor representassem a percepção dos agricultore(a)s sobre as práticas da agroecologia (percepção agroecológica, conceito ainda em construção). Portanto, os resultados encontrados derrubaram a hipótese de que “as práticas agroecológicas eram desconhecidas pelos agricultores e por isso não eram praticadas pelos mesmos”, pois os agricultore(a)s entrevistados percebem várias práticas da Agroecologia, principalmente ao que diz respeito às funções das plantas dentro do sistema produtivo, uso de plantas medicinais e troca de sementes. Assim, a Percepção Agroecológica como ferramenta de estudo pode contribuir no resgate e descoberta de práticas agroecológicas e auxiliar os gestores na promoção de políticas públicas pautadas no desenvolvimento rural sustentável, uma vez que saber como os agricultore(a)s percebem as práticas da Agroecologia, pode facilitar as ações dentro das comunidades rurais.

## Referências bibliográficas

A. SOARES, Armindo: depoimento [out. 2016]. Entrevistador. João Soares de Araújo. Canutama, 2016. Gravação digital. Entrevista concedida à pesquisa de mestrado pela Universidade Federal do Amazonas – Programa de Ciências Ambientais.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Traduzido por Marília Marques Lopes. 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

\_\_\_\_\_. **Agroecologia: Bases Científicas para uma Agricultura mais**. 3. ed. rev. ampl - São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA 2012. 400p.





B. SILVA, Henrique: depoimento [dez. 2016]. Entrevistador. João Soares de Araújo. Canutama, 2016. Gravação digital. Entrevista concedida à pesquisa de mestrado pela Universidade Federal do Amazonas – Programa de Ciências Ambientais.

G.M.R, Maria: depoimento [dez. 2016]. Entrevistador. João Soares de Araújo. Canutama, 2016. Gravação digital. Entrevista concedida à pesquisa de mestrado pela Universidade Federal do Amazonas – Programa de Ciências Ambientais.

KUHNEN, A. **Percepção Ambiental**. In: CAVALCANTE, S; ELALI, G A. (Org.). Temas Básicos em Psicologia Ambiental. Petrópolis: Vozes, 2011. Cap. 21. p. 250-266.

MELO, Edgar: depoimento [dez. 2016]. Entrevistador. João Soares de Araújo. Canutama, 2016. Gravação digital. Entrevista concedida à pesquisa de mestrado pela Universidade Federal do Amazonas – Programa de Ciências Ambientais.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOLLISON, B. **Introdução à Permacultura**/MOLLISON, B.; SLAY, R. M. Traduzido por André Luís Jaeger Soares - Brasília: MA/SDR/PNFC. [1998] Tradução de: Introduction to Permaculture. Tagari Publications, Tyalgum- Austrália, 1991.

RAMOS, Anderson: depoimento [out. 2016]. Entrevistador. João Soares de Araújo. Canutama, 2016. Gravação digital. Entrevista concedida à pesquisa de mestrado pela Universidade Federal do Amazonas – Programa de Ciências Ambientais.

S.V.A., Sílvia: depoimento [dez. 2016]. Entrevistador. João Soares de Araújo. Canutama, 2016. Gravação digital. Entrevista concedida à pesquisa de mestrado pela Universidade Federal do Amazonas – Programa de Ciências Ambientais.

SÁ-OLIVEIRA, J. C.; VASCONCELOS, H. C. G.; SILVA, E. S. A Agroecologia na Percepção de Alunos de Ensino Médio de Quatro Escolas Públicas na Cidade de Macapá-Amapá. **Biota Amazônia**. Macapá, p. 98-107. set. 2015.

SILVA, F. L. **Merleau-Ponty: Filosofia e Percepção**. Publicado em 14 de mar de 2017, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eZs-4fLUJ9c>> acesso em: 01 maio de 2017.